

A Educação Libanesa: um estudo *in loco* de uma nação em guerra

Bruno Echebeste Saadi

Universidade Federal do Pampa, theological.saadi@outlook.com

Edward Frederico Castro Pessano

Universidade Federal do Pampa, edwardpessano@unipampa.edu.br

Lúcio Jorge Hammes

Universidade Federal do Pampa, luciojh@gmail.com

Introdução

A primeira coisa é a divergência de visão de mundo. Se eu for dividir as religiões, o muçulmano vive de maneira diferente dos cristãos, a sua cultura, a sua forma de ver o mundo e sua identidade é diferente [...] Uma diferença de visão que era só no início uma diferença de opinião, quando envolveu armas, virou um conflito armado. Virou uma guerra (Entrevista com morador local, Jbeil, Líbano, 2024).

Esse registro pode ser um bom ponto de partida para compreender a estrutura do Líbano, podendo ser entendido como uma miscelânea de religiões, operações militares, um sistema político nada convencional e uma cultura que abarca milhares de anos.

Sendo de origem libanesa, eu cresci ouvindo sobre o que ocorre ou já ocorreu no Líbano e nos países vizinhos muitas vezes nas rodas dos familiares. Mas, além dos diálogos com familiares, a região geográfica do Líbano sempre era retratada pelas pessoas ou noticiários como um lugar ‘perigoso’.

Era ‘perigoso’ justamente pelo alto índice de conflitos existentes naquela localidade. Há inclusive o estigma associado a países como Líbano, Síria, Palestina, Iraque, como sendo ‘um

lugar de bombas e guerras'. Faça você mesmo esse teste: apenas pergunte para qualquer pessoa o que lhe vem à mente quando se pensa em países do Oriente Médio?

Mas o Líbano não é somente isso. Tem uma história de grandes feitos, além de ter sido por muito tempo retratado como a 'Suíça do Oriente Médio' e sua capital, Beirute, ter sido chamada de 'Paris do Oriente Médio'.

Este capítulo trata de uma pesquisa de Mestrado, desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Pampa (PPGEdu) que teve por objetivo compreender as origens dos conflitos dentro do sistema educacional libanês, com foco na Educação Básica, e tratará de uma das quatro categorias (chamada de 'Ambiente hostil') que emergiram no estudo, mais especificamente sobre que circundam o ambiente de guerra. Justifico este recorte com base na frequência percentual e absoluta encontrada no estudo desta subcategoria.

Para isso, foi realizada uma pesquisa in loco em janeiro e fevereiro de 2024, em território libanês, na cidade de Jbeil ou ليبيج (Byblos), em meio aos movimentos militares que ocorriam no Sul do país. Coletou-se dados por intermédio de entrevistas (Gil, 2008), Diário de Campo (Falkembach, 1987) e, posteriormente, os dados foram analisados a partir da perspectiva metodológica da análise de conteúdo (Bardin, 1977).

Durante a realização da pesquisa, fui impactado pelas ofensivas do Hezbollah¹ à fronteira de Israel e vice-versa que emergiram em noticiários locais, fazendo com que o clima de tensão aumentasse ainda mais. Era possível escutar bombardeios. Em uma manhã fomos acordados com os caças sobrevoando o território ainda bem cedo, por volta das 5:45 da manhã, causando ainda mais temor de uma escalada da guerra para todo o Centro e Norte do território libanês.

A pesquisa se deu em uma escola libanesa, chamada Monsif International School, localizada na cidade de ليبيج (Byblos), ou Jbeil, que seria o objeto principal da pesquisa.

Figura 1. Logo da escola Monsif International School



Fonte: acervo.

¹ O Hezbollah é um partido político islâmico xiita apoiado pelo Irã, que atualmente exerce um poder muito grande no Líbano. Além disso, é um grupo paramilitar, com poderio bélico extremamente avançado. Atualmente, ele é liderado por Hassan Nasrallah que está no poder do grupo desde 1992.

Em diálogo com o orientador da escola, foi possível visitar algumas salas de aula, estar em contato com alunos da rede, além de ver de perto como se davam as questões práticas da sala de aula.

Abaixo, podem ser visualizadas fotos da sala de aula, bem como interações com um aluno da escola:

Figura 2. Bruno Saadi conversando com orientador sobre os materiais de ensino



Fonte: acervo.

Figura 3. Bruno Saadi interagindo com aluno do 2º Elementary



Fonte: acervo.

Breve histórico da orientação educacional no Brasil

Para compreendermos os conflitos existentes no âmbito educacional, é necessário fazer uma retrospectiva histórica do Líbano. Os fenícios, um povo semítico que viveu na região por volta de 3000 a.C., ficaram famosos pelo comércio da tinta púrpura, conhecida como 'phoinikies' em grego antigo. Esse comércio de tinta púrpura foi o que deu origem à palavra 'fenícios'. Além disso, o nome 'Líbano' tem suas raízes na presença histórica dos fenícios na região, uma vez que eles foram os habitantes

originais e deixaram uma influência significativa na história e cultura da área que eventualmente se tornou o país conhecido como Líbano.

Os primeiros habitantes costumavam se identificar com base em sua cidade natal, chamando-se de 'homens de Sidon' ou algo parecido, e chamavam a região em que viviam de 'Líbano'. Dada a geografia do país e sua proximidade com o mar, os fenícios naturalmente se concentraram nas atividades marítimas, como o comércio e a navegação (Federal Research Division Library of Congress, 1989, p. 3, tradução nossa).

Após milhares de anos, marcados pela dominação de diversos impérios e potências como dos Persas de 539 a.C. - 333 a.C. (que conquistou a região fenícia no século VI a.C., incluindo o Líbano), do Império Macedônio e Império Selêucida de 333 a.C. - 64 a.C. (que, após a conquista de Alexandre, o Grande, passou a controlar a região do Líbano), do Império Romano de 64 a.C. - 7º século d.C. (que anexou a Fenícia, incluindo o Líbano, em 64 a.C.), do Império Bizantino do 7º século - 638 (que após a divisão do Império Romano, tornou-se detentor do território Libanês) e, por fim, do Período Islâmico de 638 - 1516 (no qual os muçulmanos árabes conquistam o Líbano, tornando-o parte do Califado Islâmico e, posteriormente, do Califado Abássida), chegamos então no Império Otomano (1516 - 1918).

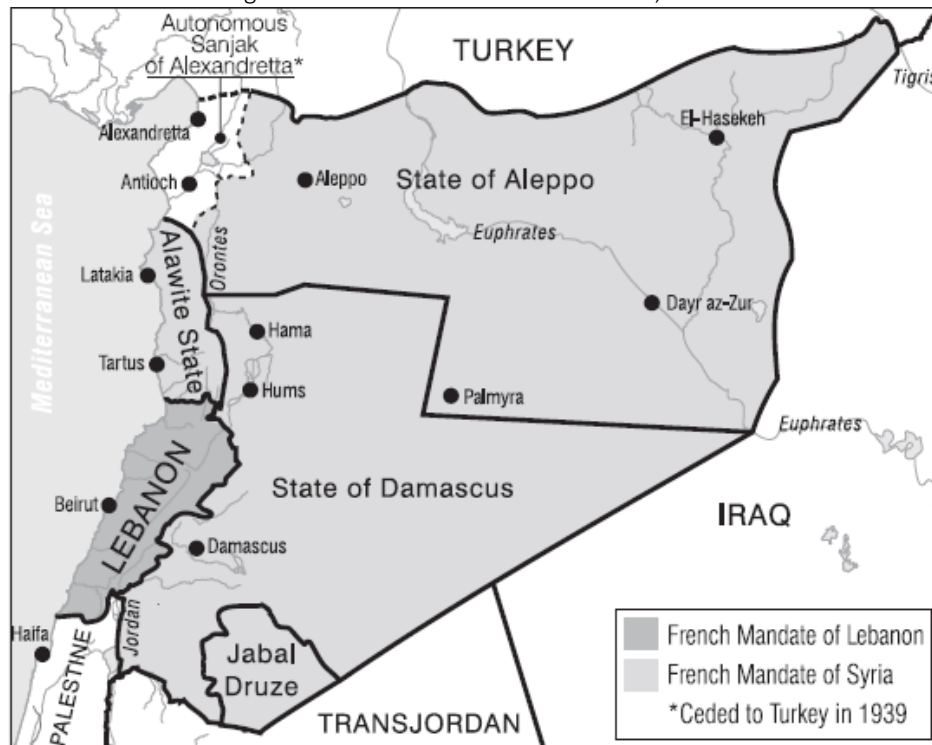
Em 1516, o Líbano foi incorporado como uma província otomana. Durante esse tempo, o estado libanês estava sob o governo direto do Império, que administrou a região por meio de governadores otomanos. O período de domínio otomano deixou uma influência significativa e duradoura no Líbano, que se refletiu na configuração da diversidade religiosa, no sistema político e na cultura da região.

Já no ano de 1916, franceses e britânicos assinaram o acordo de Sykes-Picot, que dividia o espólio do Império Otomano:

O Acordo almejava contemplar os interesses das Potências e cristalizar o poder que já era exercido de maneira indireta por elas. Havia dois tipos de poder que seriam exercidos na região: 'direto' e através de 'zona de influência'. Para que houvesse a anuência da Rússia no acordo, as regiões da Anatólia e Pérsia ficaram fora das negociações, sendo citadas como de administração internacional (Costa, 2006, p. 50).

Essa dominação Otomana só teve fim com a Primeira Guerra Mundial, no qual houve a divisão de seus territórios entre os imperialistas ingleses e franceses na Conferência de San Remo de 1920. Na região do Líbano, então, havia se instaurado um mandato, isto é, a França passa a tomar posse do território libanês como um tipo de colonização imperialista.

Figura 4. Grande Líbano na divisão da Síria, 1920



Fonte: A History of Modern Lebanon, p. 89.

Após o período de dominação francesa, o Líbano conquista sua independência em 1943 por intermédio de um acordo chamado de “Acordo Nacional” ou ‘Pacto Nacional’ (al-mithaq al-watani). Em maio de 1943, Khoury, considerado o futuro presidente do Líbano, visitou o Cairo e assinou um tratado econômico com Egito, Iraque, Síria e Jordânia. Ele também declarou sua disposição para uma união federal entre Líbano e Síria, o que gerou críticas em Beirute. Inicialmente, Khoury não era a escolha favorita dos britânicos, mas com o tempo, o primeiro-ministro do Iraque, Nuri al-Said, passou a apoiá-lo.

Em setembro de 1943, Khoury foi eleito presidente do Líbano e nomeou Riad al-Sulh como primeiro-ministro. Em outubro, uma delegação síria se reuniu com representantes libaneses para discutir três pontos principais: a defesa da independência, a colaboração econômica e a cooperação social.

O Líbano pediu ao Comitê Nacional da França Livre (CNFL) a transferência de poderes, mas a França recusou. Em novembro de 1943, o parlamento libanês aprovou revisões constitucionais que afirmaram a independência do país. No entanto, a França rejeitou essas revisões e prendeu vários líderes libaneses, incluindo Khoury. Isso provocou uma greve geral e protestos violentos, levando à repressão pelas tropas francesas, resultando em mortos e feridos.

Em 8 de novembro de 1943, a Câmara dos Deputados aprovou uma série de revisões constitucionais que aboliram a cláusula que declarava que a autoridade mandatária francesa era a única fonte de poder político e jurisdição, reinstaurou o árabe como a única língua

oficial do país e adotou um novo desenho para a bandeira libanesa. Assim, a independência do Líbano foi imposta como um fato consumado (Trabousli, 2012, p. 108, tradução nossa).

Embora sua independência como Estado soberano tenha sido garantida somente em 1943, o Líbano não se tornou independente de suas diversas culturas e tradições.

Essas características fazem-se presente até hoje na sociedade libanesa. Apesar de pequeno perto de outros países, a população libanesa está extremamente fragmentada sob diversos aspectos. Cabe destacar o principal deles que é a religião, visto que todas as áreas da vida comum de um cidadão libanês giram em torno da fé.

As divisões religiosas (o cristianismo e o islamismo tendo proeminência), desempenham um papel de influência extremamente importante no sistema político do Líbano. Podemos destacar algumas das religiões mais abundantes no Líbano: Os cristãos maronitas, que são um grupo cristão oriental que segue a tradição maronita. São eles que possuem maior influência na política do Líbano, ocupando cargos como o da Presidência da República, além de ministérios e presenças no parlamento; os católicos romanos; os islâmicos sunitas e xiitas; e os Drusos.

Cabe salientar que as instituições políticas (formações de partidos, por exemplo) estão estritamente relacionadas com a religião. Isso, por consequência, reverbera na vida da população libanesa. Além disso, essa noção de homogeneização da religião acabou se fortalecendo ainda mais com o final da Guerra civil, ainda que, segundo Costa (2006), essa ideia, proveniente da antiga percepção de 'clãs', dentro do Líbano já existia antes:

Em 1958, o Líbano já possuía vários partidos políticos ligados às famílias, os quais, por sua vez, estavam ligadas a grupos religiosos que também podiam professar ideologias políticas ou serem meramente defender de seu espaço dentro do sistema político libanês. A estrutura dos partidos políticos assemelhava-se à forma com que os clãs se organizavam, ou seja, centralizada na figura do patriarca (p. 216-217).

Apesar de se fortalecerem com esse final da Guerra Civil, historicamente os clãs já mantinham milícias e atualmente não é muito diferente, apesar de haver uma unidade estatal.

Outro ponto importante que deve receber destaque é a divisão de classes libanesas. Essa divisão é muito parecida com a divisão brasileira, sendo classificada como: a) classe alta, com uma grande influência na economia e política; b) classe média, que incluem pessoas com uma renda e padrão de vida intermediários, como professores, funcionários públicos, trabalhadores assalariados etc.; c) classe baixa, que são pessoas com renda limitada ou insuficiente para atender às necessidades básicas, como habitação, alimentação, saúde e educação (Iskandar, 2000).

Essa divisão é vista também quando ocorrem manifestações, como uma greve de estudantes

da AUB² em 1971 contra o aumento de taxas:

No setor de universidades privadas, os estudantes da AUB, principalmente pertencentes às classes média e alta, entraram em greve em 1971 para protestar contra o aumento das taxas, ocuparam as instalações e organizaram grandes manifestações (Trabousli, 2012, p. 171, tradução nossa).

E é justamente sobre este último ponto, isto é, a educação, que se faz necessário estudar sobre os conflitos existentes na Educação Básica do Líbano, tendo em vista que este país já enfrentou diversos problemas ligados à educação.

Em 1972, por exemplo, um grande movimento de greve nacional ocorreu no país. 16 mil professores da educação pública, que buscavam uma melhoria salarial, direito à organização sindical e aposentadoria após 25 anos de serviço, tiveram seus pagamentos de salários interrompidos após a suspensão realizada pelo ministério depois de 2 meses de greve.

Em 1973, quando a greve recomeçou, 324 professores foram demitidos, e, como cita Trabousli (2012), condenados como ‘agitadores’:

Quando a greve foi renovada de janeiro a julho de 1973, 324 professores foram demitidos, condenados como ‘agitadores’ pelo Primeiro-Ministro Sa’ib Salam. Movimentos de protesto e solidariedade com os professores se espalharam por todo o país, enquanto seus protestos e greves de fome se tornaram um ponto de união para todos os movimentos sociais. Até a Igreja Maronita interveio para exigir que os professores expulsos fossem reintegrados, também sem sucesso (Trabousli, 2012, p. 171, tradução nossa).

É, portanto, diante de todo esse contexto histórico que podemos analisar o cenário educacional. Não é necessário olhar para a guerra instaurada na Faixa de Gaza, onde muitas pessoas sofrem por conta da escassez de suprimentos (Omer, 2015), ou quando George W. Bush autorizou o bombardeio de alvos do Talibã em 7 de outubro de 2001, em decorrência dos ataques às Torres Gêmeas e Pentágono, para visualizarmos o conflito. Não é necessário ir longe. A violência pode estar junto de nós, também no seio familiar ou no âmbito escolar. Ao olhar ao redor, vemos situações de conflitos que, conforme Chrispino (2007) “todos que vivem em sociedade têm a experiência do conflito”, visto que são decorrentes de opiniões diferentes ou visões distintas de mundo. Esses conflitos ocorrem em diferentes âmbitos da sociedade e podem ocorrer por razões políticas, religiosas, raciais, de gênero, dentre outras. Nesse sentido, podemos fazer a seguinte pergunta: quais são as causas para os conflitos na Educação Básica do Líbano?

2 A AUB, mencionada no texto, é a Universidade Americana de Beirute (American University of Beirut), uma instituição de ensino superior situada em Beirute, Líbano. Estabelecida em 1866, ela é uma das universidades mais renomadas do Oriente Médio, reconhecida por seus altos padrões acadêmicos e pela considerável influência na educação e na política da região.

A educação no Líbano, embora tenha algumas divergências em questões culturais, didáticas e de ensino, mantém sua essência bem próxima com a realidade educacional brasileira. Segundo Ommering (2019), as escolas libanesas possuem setores privados que estão nas áreas mais nobres do país, e escolas mais modestas e que não possuem um equipamento adequado, residindo, portanto, em áreas mais periféricas. Além disso, tendo em vista todo o contexto histórico abordado acima, e a diversidade religiosa no país, é importante destacar que a educação se moldou nestas configurações.

Esta categoria, portanto, é uma das respostas à pergunta feita acima. Ela é identificada como 'Ambiente hostil', e aborda as guerras, agressões, materiais didáticos que fazem emergir, de certa forma, um ambiente hostil. Trata-se de uma categoria às vezes muito pessoal, tendo em vista que são pontos de vista muito específicos dos entrevistados sobre temas bem delicados como guerras e situações que ocorreram no âmbito educacional vivido pelo entrevistado.

Ela está dividida em quatro subcategorias: Guerra, discussão, bullying e agressão. Em um momento das minhas entrevistas, perguntei para Hassana (Entrevista 02, Jbeil, Líbano) se ela já havia presenciado algum conflito escolar.

Às vezes ocorriam alguns problemas. Eu levava reguada ou ficava trancada no banheiro de castigo. Uma vez, eu fiz xixi na roupa. Então a professora começou a brigar comigo dizendo: 'Onde já se viu uma mocinha grande ficar se urinando'. Só que não foi de propósito, eu era pequeninha. Mas já teve casos piores. Com minha colega, por exemplo, ela foi falar comigo e eu fiquei cutucando-a com o cotovelo, tentando avisar para não falar, pois estava tendo a explicação e eu sabia que ela ia apanhar ou talvez eu também apanhasse junto. Aí chegou a professora e arrastou ela pelos cabelos no chão, parecido com um 'homem das cavernas', sabe? E levou ela para ficar trancada no banheiro de castigo. Acho que deixaram ela trancada por uns 20 minutos.

Vale destacar um ponto importante na fala de Hassana. Embora existam, de fato, excessos por parte de profissionais da educação libanesa, não é algo comum as ações que foram realizadas pela professora dentro da sala de aula.

Quanto às questões de currículo e exigências, a educação libanesa é extremamente exigente. Hassana comenta em outro momento que aprendeu a ler e escrever árabe, francês e inglês com 3 anos de idade. Ela dizia que o primeiro ano do fundamental já é extremamente difícil.

Além disso, é obrigação dos alunos chamarem os professores pelos seus respectivos títulos, e não pelo seu primeiro nome, como é comum no Brasil. Ainda segundo Hassana, os professores libaneses agem como se fossem literalmente pais da criança. Eles realizam admoestações de maneira acentuada.

Todos permanecem quietos dentro da sala de aula. No entanto, caso um aluno esteja de fato incomodando o andamento da aula, ele é convidado a se retirar.

Ela relata que nunca viu os alunos matarem aula. Não há alunos nos corredores tentando fugir

de suas aulas. Esse comprometimento dos alunos também é visto na sua presença escolar. Segundo ela, praticamente não há faltas. Se porventura o aluno estiver debilitado fisicamente, as escolas ligam para saber por qual razão houve a falta desse aluno.

Além disso, a educação no Líbano, por exemplo, possui diversas dificuldades em abordar momentos históricos. Bashir (Entrevista 04, Jbeil, Líbano) traz algo interessante. Ele cita que não se fala sobre a guerra civil libanesa de maneira aberta:

[...] na matéria de história, a história do Líbano, por exemplo, até hoje não se fala na Guerra libanesa. Ela é abordada de forma muito geral, só pontos mais conhecidos de forma geral, porque cada grupo olha para guerra de uma forma. Então não existe uma forma ou jeito de ensinar que todos estejam de acordo. Então no máximo que se fala é que existiu uma guerra, que cristãos e muçulmanos brigaram e que palestinos e sírios tiveram parte. A Síria invadiu o Líbano. Os palestinos se armaram. Mas é só isso que se fala. Porque se você falar que a guerra começou porque os cristãos fizeram isso ou aquilo, isso até pode ser falado, mas não pode ser levado com uma regra, porque, caso contrário, criaria briga dentro da sala de aula mesmo, pois se tivesse um muçulmano e um cristão talvez eles já começariam a bater boca. [...] levando isso em consideração, o currículo é bem neutro para que as escolas aceitem todo mundo para estudar ali e não criar briga com ninguém. Então até mesmo as escolas cristãs, por exemplo, não ensinam nada contra os muçulmanos porque inclusive vem muçulmanos estudar nas escolas cristãs.

Essa afirmação de Bashir sobre a guerra civil libanesa vai ao encontro do estudo realizado por Ommering (2014) no Líbano, onde ele cita:

A lacuna mais notável no livro didático diz respeito à guerra civil do Líbano. Entre 1975 e 1990, aproximadamente 150.000 pessoas foram mortas e muitas outras ficaram feridas, enquanto cerca de um quarto da população de quatro milhões foi deslocada. Conhecida pela escala e brutalidade de suas atrocidades, a guerra civil do Líbano afetou praticamente todas as famílias do país, muitas vezes causando perdas pessoais e materiais. (p. 2, tradução nossa).

Logo em seguida, ele destrincha de maneira mais específica sobre essa lacuna inserida no material didático libanês:

Diante de tudo isso, no entanto, o livro didático de história oficial do Líbano busca conforto no silêncio. Ele não discute nem as décadas de conflitos sectários, nem a posição precária do Líbano no persistente 'conflito do Oriente Médio', nem os centenas de milhares de refugiados palestinos que habitam favelas em todo o país. Seria difícil afirmar que essas histórias são irrelevantes para entender o Líbano contemporâneo; muito menos que evitar esses temas por completo ajudaria as crianças e jovens de hoje a formar ideias fundamentadas para superar um estado de conflito prolongado (Ommering, 2014, p. 2, tradução nossa).

Ele inclusive cita em seu artigo uma professora de história chamada Rana, que, por sua vez, cita a indagação de seus alunos em relação aos temas históricos ligados ao próprio país, e fala um pouco sobre suas dificuldades em relação ao ensino de história nas escolas libanesas do sul do país:

Meus alunos me perguntam: ‘Professora, por que o Líbano tem tantas guerras?’. ‘Quem lutou em nossa guerra civil?’ No entanto, a única coisa que posso responder é que devem incomodar seus pais com essas perguntas, ou que ainda são muito jovens para entender. Não sei o que mais dizer, porque aqui no Líbano, falar de história significa falar de política. E falar de política só vai acender novas guerras. (Ommering, 2014, p. 1, tradução nossa).

Portanto, é nítido que o sistema educacional libanês enfrenta dificuldades no que tange o ensino da história. Embora o Líbano seja o país árabe mais liberal, ele ainda enfrenta questões concernentes ao diálogo que devem ser superadas.

Sobre essa questão, Hassana (Entrevista 02, Jbeil, Líbano) diz inclusive que: “o Líbano é o país árabe mais liberal”. Essa ideia se dá devido à sua diversidade religiosa e cultural, além, é claro, de sua relativa liberdade política e social em comparação com outros países da região da Península Arábica e demais países árabes.

No entanto, precisamos elencar alguns fatores importantes. É fato que o Líbano enfrenta diversos desafios relacionados ao âmbito político e econômico, além de atores internacionais influenciando o cotidiano do povo libanês. Por isso, embora o Líbano seja considerado um país relativamente liberal em muitos aspectos, ele ainda enfrenta diversos problemas que impactam diretamente a liberdade do povo, além de impactar também seus direitos como cidadão.

Outro ponto importante de salientar é a questão concernente aos conflitos. Para Amin (Entrevista 03, Jbeil, Líbano), o conflito é:

Um problema, uma briga, uma guerra ou um mau entendimento. Às vezes o conflito pode levar a um resultado positivo e às vezes não, o final é negativo, de destruição.

É interessante notar que para Amin, a ideia de conflito, embora possa produzir um resultado positivo, ainda assim é ‘de destruição’.

Talvez, quando falamos da palavra ‘conflito’, o que vem à mente de Amin seja problemas que, embora tenham um resultado positivo, o seu percurso é de muita dor e sofrimento.

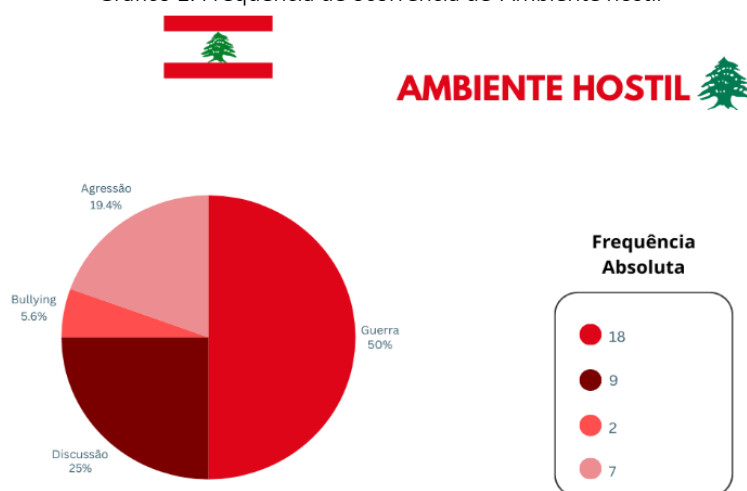
Peguemos as guerras, por exemplo. Mais de 70 milhões de pessoas foram mortas na Segunda Guerra Mundial. Esse número absurdo contém pessoas que serviram nas mais diferentes frentes de batalha, mas também civis inocentes que morrem por consequência da guerra. Ou seja, você tem um processo de dor e sofrimento para que haja uma futura paz. No entanto, é inegável dizer que o final da Segunda Guerra Mundial foi ‘de destruição’, utilizando as palavras de Amin.

Essa mesma ideia está na fala de Bashir (Entrevista 04, Jbeil, Líbano), que diz:

Por exemplo, podemos comentar sobre a guerra civil libanesa, ou, não vamos dizer guerra civil, não existe um consenso aqui no Líbano se foi de fato uma guerra civil, é uma história longa, enfim... Vamos dizer a guerra libanesa, quando os muçulmanos e palestinos se juntaram e atacaram os cristãos. Eu acho que o conflito que teve por causa da resistência cristã à tentativa de dominação e ataque islâmico palestino, nesse caso foi bom. Infelizmente era uma coisa que ninguém queria, mas nesse caso um conflito foi melhor do que simplesmente se render e dar de mão beijada o país e a cultura e a liberdade para eles. Então nesse caso específico, um conflito seria necessário e o resultado dele foi bom, porque fez com que a cultura, a liberdade e a identidade libanesa continuassem e prevalecessem.

Abaixo, portanto, podemos conferir o gráfico com as frequências de ocorrências dessa categoria:

Gráfico 1. Frequência de ocorrência de 'Ambiente hostil'



Fonte: elaborado pelos autores.

Considerações finais

A partir das respostas às entrevistas, observa-se 50% das frequências percentuais no âmbito de 'Guerra'. É um número expressivo.

Quando analisamos essa assimilação de 'Ambiente hostil' com 'Guerra', podemos supor algumas coisas. Em primeiro lugar, há uma certa 'naturalidade' em se tratar de guerras. Em um local de relativa paz, como é o Brasil, e em outros tantos países, algumas pessoas demonstram dificuldade em aceitar a naturalidade da guerra em países como o Líbano. No entanto, isso não tira o peso das consequências da guerra na vida das pessoas e, conseqüentemente, na educação das crianças.

Em segundo lugar, grande parte das guerras instauradas no mundo forçam milhões de pessoas a se deslocarem de suas casas, resultando em uma alta taxa de abandono escolar. Crianças e jovens em campos de refugiados muitas vezes têm acesso limitado ou nenhum acesso à educação. Além disso, as escolas podem ser facilmente alvos de bombardeios. São, muitas vezes, saqueadas ou

utilizadas para fins militares, tornando-se inutilizáveis.

Por fim, a pesquisa realizada no Líbano mostrou claramente que as guerras são um tema que emerge de forma natural. Porém, ainda que os moradores locais estejam acostumados com caças sobrevoando, não podemos tratar com normalidade um ambiente tão agressivo como o que está ocorrendo.

Enquanto escrevemos este capítulo, Israel lançou um ataque contra o Hezbollah no Sul do Líbano e Beirute. A Al-Manar, uma emissora libanesa de TV ligada ao Hezbollah, afirmou que diversos paggers foram explodidos, colocando esse evento como um ataque de Israel. Entre os feridos, estava o embaixador do Irã em Beirute.

A escalada da guerra é visível para todos. Cada vez mais o poderio bélico de ambas as partes deste confronto tem se mostrado mais avassalador. No meio dessa valsa armada, quem perde é a educação. Onde crianças apenas visualizam a morte e a destruição, é bem provável que não consigam ver um futuro melhor para seu país.

Referências

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

CHRISPINO, Álvaro. Gestão do conflito escolar: da classificação dos conflitos aos modelos de mediação. **Ensaio: aval. pol. públ. Educ.**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 54, p. 11-28, jan./mar. 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ensaio/v15n54/a02v1554.pdf>. Acesso em: 30 set. 2023.

COSTA, Renato José da. **O Islamismo e suas implicações no processo democrático Libanês**. Dissertação (Mestrado) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

FALKEMBACH, Elza Maria Fonseca. Diário de Campo: um instrumento de reflexão. **Contexto e Educação**, Ijuí, v. 2, n. 7, jul./set. 1987.

FEDERAL RESEARCH DIVISION LIBRARY OF CONGRESS LEBANON. **A Country Study**. USA: Library of Congress, 1989

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

ISKANDAR, Marwan. **ني رشح عل او دح اول ان رقل اتاي دحتو نانبل ؛عئاضال رودل**. Beirute: Riad Al-rayyes, 2000.

Omer, Mohammed. **Shell-Shocked: on the ground under Israel's Gaza assault**. Chicago: Haymart Books, 2015.

OMMERING, Erik van. **Education for Peace or War: Everyday interfaces between formal schooling and political conflict in Lebanon**. Tese (Doutorado) - Vrije Universiteit Amsterdam, 2019.

OMMERING, Erik van. Formal history education in Lebanon: Crossroads of past conflicts and prospects for peace. **International Journal of Educational Development**, 2014.

TRABOULSI, Fawwaz. **A History of Modern Lebanon**. 2. ed. UK: Pluto Press, 2012.